

Monólogo trata
de mulheres
silenciadas

PÁGINA 3



Virtuose russo
se apresenta no
Theatro Municipal

PÁGINA 4



As primeiras
apostas para o
Festival de Veneza

PÁGINA X



2° CADERNO

Instagram Martinho da Vila



Figura querida no mundo do samba, Sérgio Cabral é reverenciado por Martinho da Vila, Zeca Pagodinho, Martnália, Nelson Sargento, Diogo Nogueira e outros sambistas em seu aniversário de 80 anos

O jornalista que deu VOZ ao samba

Conheça mais
da trajetória de
Sérgio Cabral,
pioneiro nas
entrevistas
com os
grandes
bambas a
partir de 1961



Arquivo Nacional

O jornalista
Sérgio Cabral
e a cantora
Clementina
de Jesus na
Fundação
Nacional
de Artes,
em 1977

Por Álvaro Costa e Silva (Folhapress)

Em 1959, o Jornal do Brasil estava na moda. Mais do que um jornal, era uma referência e uma tendência que viria a ser copiada por outros veículos, na esteira da reforma implantada por Odylo Costa, filho, Jânio de Freitas, Amílcar de Castro, Reynaldo Jardim, entre outros. Todo jornalista sonhava em trabalhar na sede da avenida Rio Branco, 110. Com 22 anos, Sérgio Cabral era um deles. Tanto fez, tanto insistiu, que conseguiu, tornando seu nome conhecido.

No Caderno B, o suplemento de cultura e variedades, começou a fazer, a partir de 1961, uma página semanal sobre música popular brasileira trazendo longas entrevistas com os pioneiros do samba. Nunca as páginas do Jornal do Brasil, uma publicação conservadora e ligada à tradição católica, havia estampado tantas fotos de pretos e mulatos: Ismael Silva, Bide, Carlos Cachça, Cartola, Bucy Moreira, Alvarenga, Alvaiade, Aniceto.

A condessa Pereira Carneiro, dona do jornal, o apoiava. Ao encontrá-lo na redação, perguntou: “Mas você é o Sérgio Cabral? Tão novo...”, e lhe deu um abraço e um beijo.

O trabalho no JB se transformou no primeiro livro do jornalista, publicado em 1974: “As Escolas de Samba: O Quê, Quem, Como, Quando e Por Quê”, relançado e ampliado em 1996, com o título de “As Escolas de Samba do Rio de Janeiro”. É a obra mais importante de Sérgio Cabral, que oferece ao leitor acesso não só às origens e ao desenvolvimento das escolas, mas sobretudo ao conhecimento das figuras que, driblando a adversidade e a perseguição da polícia, fizeram possível o espetáculo dos desfiles.

Continua na página seguinte

Lima Barreto, a grande inspiração

Paulo Lima/Folhapress



Jornalista e pesquisador, Sérgio Cabral deixa mais de 20 livros sobre música publicados

volume acerca das escolas de samba. “ABC de Sérgio Cabral: Um desfile dos craques da MPB” reúne perfis de compositores e cantores narrados em estilo saboroso. O verbete dedicado a Ciro Monteiro - na letra F, de Formigão - é engraçadíssimo, e nos faz perguntar por que Sérgio Cabral não fez um livro sobre seu amigo Ciro e o samba sincopado.

A partir de 1977, com a publicação de “Pixinguinha, Vida e Obra”, dedicou-se à tarefa de biografar grandes nomes da música brasileira. “No Tempo de Almirante” é mais do que a vida do parceiro de Noel Rosa, é uma pequena história do rádio no Brasil. Seguiram-se as biografias de Tom Jobim, Ary Barroso, Elizeth Cardoso, Nara Leão, Ataulfo Alves, além de perfis de Carlos Manga e Grande Otelo. Ficou faltando a trajetória de uma grande amiga, Aracy de Almeida.

Como produtor de discos e shows, atuando em São Paulo e no Rio, deu impulso às carreiras de Martinho da Vila, João Nogueira, Dona Ivone Lara, Clara Nunes, Beth Carvalho, Alcione. Pouca

gente sabe, mas o nome artístico Paulinho da Viola é uma criação de Sérgio Cabral. Com Rildo Hora, compôs um grande sucesso: “Os Meninos da Mangueira”, gravado por Ataulfo Alves Jr.

“Possuidor do par de olheiras mais sexy do Brasil”, segundo o comentário de Jaguar, disputou em 1982 sua primeira eleição. Com boa presença na Câmara de Vereadores do Rio, foi reeleito duas vezes consecutivas, em 1988 e 1992. Assumiu a secretaria de Esporte e Lazer. Em 1993, foi indicado pela Câmara conselheiro do Tribunal de Contas da cidade.

Em 2007 roteirizou e dirigiu, com Maria Rosa Araújo, o musical “Sassaricando: E o Rio Inventou a Marchinha”, fenômeno de crítica e público, que ficou em cartaz durante anos e excursionou pelo Brasil. Àquela altura, ele já era “o pai de Sérgio Cabral”, o político de carreira meteórica, mais tarde envolvido em denúncias e condenações por corrupção e lavagem de dinheiro.

Diagnosticado com Mal de Alzheimer, Sérgio Cabral viveu os últimos anos recordando-se das conversas que teve com os pioneiros do samba. Lembrava-se da primeira vez que viu e falou com Pixinguinha como se fosse ontem.

Ricardo Cravo Albin

O rei da simpatia

No momento em que nós, veteranos no meio musical, lamentamos o desaparecimento de Sérgio Cabral, me recordei de repente de um telefonema de Vinicius de Moraes, logo depois da reunião do à época célebre Conselho Superior de MPB do Museu da Imagem e do Som - “Ricardinho, minha flor cravínea (assim o poeta me chamava quando em estado de grande alegria ou exaltação), você acertou em cheio em pedir ao Sérgio Cabral para convencer o Almirante (Henrique Foréis) em não ir procurar na tevê Tupi o Flávio Cavalcanti para tomar satisfação sobre as eventuais rugas que, segundo Flavio, o Almirante teria mantido com Noel Rosa a propósito da Vila Isabel. O Almirante chegou até à porta da Tupi na Urca, deu meia volta e já está em casa. Aliás muito calmo. De fato, o Cabral foi o rei da simpatia, e podia fazer inimigos se abraçarem em segundos”. Sérgio Cabral, além do boa-praça que sempre foi, exibia uma simpatia exuberante.

Ficamos muito amigos logo que cheguei ao Museu da Imagem e do Som para implantar nele os depoimentos para a posterioridade. Ao ouvir de mim que abriria o MIS inicialmente para os velhinhos que foram os pioneiros do samba, como os negros João da Baiana, Donga, Pixinguinha, à época quase esquecidos pela avalanche da Bossa Nova, Sergio exclamou “Tô dentro, só me chamar que estarei aqui”. Dali pra frente Cabral sempre esteve presente ao meu lado no MIS, inclusive nos acalorados debates para as cobiçadíssimas premiações anuais Golfinho de Ouro e Estácio de Sá, entregues solenemente pelo governador na Sala Cecília Meirelles.

Como esquecer do momento que Sérgio Cabral me puxou para um canto, ao final de show concorrido no Canecão e me confidenciou, em meia voz, - “Agora o único Sérgio que existe é o Serginho. Peço a você, velho amigo, o voto para ele, mas também diga à nossa turma que poupe meu filho dos pedidos intermináveis. Serginho está na flor da idade e não posso deixá-lo se afogar no mar de solicitação de empregos e de favores que se acumulam a cada dia mais e mais. “Conte comigo, mas se prepare que ter um Sergio Cabral como pai de um Sergio Cabral como governador, não será mole. A avalanche de pedidos deverá lhe tirar o sono.” “Não dormirei, mas o Sergio governador sonhará com os anjos”, retrucou. “Amem, amem. Assim seja” encerrei a entrevista, piscando o olho para o velho amigo.

Ao gravar no último domingo (14), dia de sua morte, entrevista sobre ele para o Fantástico, da TV Globo, lembrei-me de evocar uma originalidade do Sérgio. Ele foi pioneiro como entrevistador para os depoimentos para a posteridade no Museu da Imagem e do Som, que lançaria o MIS para o Rio e para o Brasil em 1967/68. Convidei-o para entrevistar o núcleo dos fundadores do Samba, aos quais me referi logo acima, João da Baiana, Donga, Pixinguinha, todos negros e esquecidos. Sérgio ficou entusiasmadíssimo e era o primeiro a chegar ao MIS. E arranjava com seu imbatível humor um jeitinho de prolongar cada depoimento por mais incontáveis minutos - com o meu assentimento, agradecido e encantado.

“Vou pedir aqui ao Diretor do MIS espaço para perguntar aos pioneiros do samba sobre seus times de futebol e seus pratos preferidos”. Respondi-lhe de pronto: “Sua sugestão passa a ser uma encomenda agora minha”...

'Todo mundo quer dizer o que fazer com nossos corpos'

A atriz Geovana Pires resgata histórias de mulheres silenciadas no solo 'Perigosas Damas', em cartaz no Sesc Copacabana

Idealizado e protagonizado por Geovana Pires, o solo inédito "Perigosas Damas", em cartaz no Sesc Copacabana, usa a liberdade como ponto de partida para denunciar o quanto a contenção dos desejos individuais femininos impactam nas políticas públicas. O espetáculo nasceu há cinco anos quando Geovana leu o livro "Histórias de um silêncio eloquente" de Thaís Dumê, no qual extraiu histórias do início do sistema prisional para mulheres no Brasil, que principia no início do século XX. A dramaturgia é assinada por Geovana, Elisa Lucinda e Denise Stutz.

Após muita pesquisa, inclusive dentro de penitenciárias onde realizou projetos sociais pelo Instituto Casa Poema, a idealizadora contou com o reforço criativo da direção de Denise Stutz e Soraya Ravenle como diretora musical, com os figurinos assinados pelo premiado Wanderley Gomes.

No palco, Geovana aborda o racismo, sexismo, opressão e sobretudo a liberdade por meio de vivências femininas reais do



João Saidler/Divulgação

Geovana Pires concebeu o espetáculo após travar contato com a realidade de mulheres dententas durante um projeto social

passado, mas que se assemelham com a realidade atual de muitas mulheres. Ao longo da história da civilização humana foram criadas leis e mecanismos de contenção para que, independentemente da cor e da classe social, as mulheres fossem encarceradas em manicômios, conventos e sistemas prisionais por serem sexualizadas, lésbicas, extrovertidas, inteligentes, terem repulsa sexual ao marido, praticarem a cartomancia, prostituição, etc.

"Busquei entender como chegamos até aqui com instituições como a igreja, o judiciário, a medicina e o Estado criando políticas

públicas para nos conter e domesticar. Fiquei impactada com a pesquisa de Thaís Dumê sobre aquelas mulheres que, mesmo depois de mortas, foram silenciadas. Foi muito difícil Thaís chegar nos arquivos e nas histórias delas. Quando fugiam às regras impostas pela sociedade eram contidas por meio de internações, presídios, conventos ou eram presas dentro de casa mesmo. E até hoje há essa contenção do corpo feminino. Todo mundo quer dizer o que fazer com nossos corpos. Quis trazer histórias antigas e reais para que possamos entender que essa luta das mulheres por liberdade atravessa os séculos, reflete a atriz.

Ao resgatar essas vidas femininas, Geovana apresenta também versões em rap de alguns poemas de Elisa Lucinda, que foram mu-

nicados por Soraya Ravenle, que evidenciam o quanto a liberdade feminina frustrava o Estado na tentativa da limpeza moral e racial a que o Brasil foi submetido. "A poesia entrou na peça se encaixando com a minha história na Casa Poema, onde trabalhamos com as mulheres privadas de liberdade através da poesia falada. O processo de ensaio foi muito intenso pois não estamos falando só dessas. Eu me vi nelas. E assim, fomos construindo a dramaturgia durante os ensaios. E foi lindo por ter sido uma junção de várias mulheres com vivências diferentes", conta Geovana.

Com uma equipe feminina em sua maioria, a peça tem como propósito uma narrativa vista sob a perspectiva das mulheres ao dar vida à personagens reais, resgatan-

do histórias respaldadas em ampla pesquisa, que contribuem para a compreensão sobre o feminismo nos tempos atuais. "Tem sido um encontro do olhar feminino que desconstrói o autoritarismo e vai para um lugar de liberdade. Por isso eu não queria ser dirigida por um homem, mas sim por uma mulher. Pelo olhar de compreensão e acolhimento", analisa.

Para o projeto, Geovana convidou para a direção Denise Stutz que assume ter sido desafiador trazer para linguagem teatral histórias tão trágicas de uma forma que aproximasse a plateia independente do gênero. "Pensamos juntas e juntos em uma nova maneira de viver em uma sociedade mais igualitária. Tentamos inventar uma narrativa poética com o auxílio do rap junto com o funk trazendo a periferia, que é de onde começa a história da Geovana. A tese é uma escrita que defende e afirma suas certezas, por isso o meu desafio foi 'desafirmar' para perguntar, sem que tenhamos certeza de nenhuma resposta", afirma a diretora.

A dramaturgia conta com as poesias de Elisa Lucinda para quem o processo criativo foi instigante. "O desafio foi não fazer o óbvio ou espantar a quem queremos atingir. Queríamos fazer uma peça em que todas as faixas etárias se interessassem como um assunto do mundo e que ajudasse na nossa lucidez para fundarmos uma nova civilização. Acho que a humanidade não se deu conta ainda no processo de escravização que o feminino sofreu. São inúmeras camadas de prisões femininas que vão desde limitações psicológicas, sexuais, autopunições, infelicidades em benefício ao homem, abuso da mão de obra da mãe dentro de uma casa, etc. Na verdade, esse espetáculo é um manifesto de antifeminicídio", declara Elisa.

SERVIÇO

PERIGOSAS DAMAS

Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 21/7, de quinta a domingo (19h)
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)

CORREIO CULTURAL

Divulgação TV Record



Natalia Florentino protagoniza 'Rainha da Pérsia'

Série bíblica da Record dá salto de audiência no horário nobre

Após 11 temporadas da série "Reis" (e uma 12ª confirmada), a Record apostou na história da "Rainha da Pérsia" para manter no ar tramas com tema bíblico e subir em audiência. O resultado, até agora, é positivo. Na última quarta-feira (10), a trama bateu recorde e conquistou a segunda posição absoluta, atrás da Globo. Na faixa das 21h e

21h56, registrou 8 pontos de média, com 9,5 de pico.

Esta trama bíblica já havia sido contada duas outras vezes na emissora, com o título de "A história de Ester", a esposa do rei Xerxes, que ajudou a impedir o extermínio do povo judeu no império Persa. Neste remake, a estreadante Nathalia Florentino se destaca como protagonista.

Ranking musical

A Pro-Música, entidade que representa as principais gravadoras e produtoras fonográficas do Brasil, apresentou um ranking exclusivo com as 50 músicas mais ouvidas nas plataformas de streaming no Brasil, no primeiro semestre.

Ranking musical III

Para além do sertanejo, as 2 músicas que integram o top 10 são do funk, com "Let's Go 4 (Feat. Mc Davi, Mc Don Juan, Mc Kadu, Mc GH Do 7, Mc GP & TrapLaudo)" (GR6 Music), nas vozes de Mc IG, Mc PH, Mc Ryan SP & Mc Luki, completando o pódio.

Ranking musical II

O gênero sertanejo despontou na liderança no período, com 8 entre as 10 mais tocadas. O topo ficou com Lauana Prado, e o pout pourri dos hits "Me Leva Pra Casa / Escrito Nas Estrelas / Saudade (Ao Vivo)", do álbum "Raiz Goiânia (Ao Vivo)".

Ranking musical IV

No levantamento, chama a atenção também a o fato de não haver nenhuma música estrangeira entre as 50 mais ouvidas no país. Além do protagonismo sertanejo e da força do funk, o ranking revela a ascensão de ritmos urbanos como o trap e o rap.

Divulgação



Vencedor do Grammy e diversos outros prêmios, Daniil Trifonov já se apresentou nos mais tradicionais palcos dedicados à música de concerto

Um jovem virtuose que correu o mundo

O multipremiado pianista russo Daniil Trifonov apresenta recital nesta terça no Thetro Municipal

Conhecido por sua técnica excepcional, sensibilidade e interpretações profundas ao piano, o instrumentista russo Daniil Trifonov faz recital nesta terça-feira (16), às 20h, no Teatro Municipal. No programa, obras de Mozart, Beethoven, Rachmaninof e Jean-Philippe Rameau. "Sem dúvida, o pianista mais surpreendente de nossa época", publicou o jornal The Times, de Londres, sobre o pianista de 33 anos.

Nascido em Nizhny Novgorod em 1991, Trifonov começou sua formação musical aos cinco anos, e passou a frequentar a Gnessin School of Music de Moscou como aluno de Tatiana Zelikman, antes de prosseguir seus estudos de piano

com Sergei Babayan no Instituto de Música de Cleveland. Ele também estudou composição, e continua a escrever para piano, conjunto de câmara e orquestra.

Em sua trajetória artística, o músico acumula diversas premiações. Ganhou medalhas em três dos desafios mais prestigiados do meio musical: Terceiro Prêmio no Concurso Chopin de Varsóvia; Primeiro Prêmio no Concurso Rubinstein, de Tel Aviv; e Primeiro Prêmio e o Grande Prêmio – uma honraria adicional concedida ao melhor competidor geral em qualquer categoria – no Concurso Tchaikovsky de Moscou.

Em 2013, Trifonov recebeu o prestigioso Prêmio Franco Abbiati de Melhor Solista Instrumental

pela principal crítica musical da Itália

Daniil Trifonov ganhou em 2018 o Grammy de Melhor Álbum Solo Instrumental com "Transcendental", a coleção de Liszt que marcou seu terceiro título como artista exclusivo da Deutsche Grammophon, combina técnica com rara sensibilidade e profundidade.

A discografia de Trifonov pelo prestigiado selo de música clássica inclui a gravação ao vivo indicada ao Grammy de sua estreia no recital Carnegie; Evocações de Chopin; Silver Age, pelo qual recebeu o prêmio Opus Klassik's Instrumentalist of the Year/Piano; o álbum duplo mais vendido e indicado ao Grammy, Bach: The Art of Life; e três volumes de obras de Rachmaninov com a Orquestra da Filadélfia e Yannick Nézet-Séguin.

Artista do Ano de 2016 da Gramophone e Artista do Ano de 2019 da Musical America, Trifonov foi nomeado "Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres" pelo governo francês. Desde que fez estréias em recital solo, apresentou-se em salas de concerto consagradas de diversos países.

SERVIÇO

DANIIL TRIFONOV

Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº)

16/7, às 20h | Ingressos: Frisas e camarotes - R\$ 3 mil | plateia/balcão nobre - R\$ 500 | balcão superior - R\$ 200 | galeria - R\$ 100

Fotógrafo revela podres dos Rolling Stones em memórias que apresentam o vocalista Mick Jagger como vilão

Por **Ivan Finotti** (Folhapress)

Se tem uma coisa que povo adora ler quando agarra uma biografia de estrelas do rock são as histórias sobre drogas. Difícil um livro ir mais direto ao ponto do que esse “Eu Fui Traficante do Keith Richards”, de Tony Sanchez.

Fotógrafo oficial dos Rolling Stones no final da década de 1960 e assistente pessoal do guitarrista Richards por oito anos na década de 1970, Spanish Tony - como era conhecido, por ser filho de espanhóis - descreve, em cerca de 440 páginas, o seu dia a dia com a banda nesses anos em que lançou os discos mais importantes de sua carreira.

Ou melhor, descreve seu dia a dia com os guitarristas Brian Jones e Keith Richards e o vocalista Mick Jagger, uma vez que o baixista Bill Wyman, o baterista Charlie Watts e o guitarrista Mick Taylor merecem apenas algumas linhas.

Testemunhamos, assim, a dinâmica do núcleo duro dos Rolling Stones, suas intrigas e crueldades, maquinações contra um e contra outro, enquanto o quinteto se tornava provavelmente a maior banda de rock do mundo.

Os primeiros capítulos da obra se detêm na queda de Brian Jones, a quem Spanish Tony reserva uma calorosa simpatia. Outro líder do grupo, virtuose na guitarra, Jones foi mais uma das vítimas das drogas, tornando-se um junkie, incapaz de tocar em certas ocasiões.

Outro problema para a queda foi que Jones não desenvolveu talentos para a composição, enquanto assistia à evolução de Jagger e Richards na assinatura de dezenas de canções, cada vez melhores, a partir de “(I Can’t Get No) Satisfaction”, de 1965.

Sanchez escreve: “Chegamos ao estúdio, onde já estavam Keith e Anita - ambos deixando cruelmente óbvio o quanto estavam curtindo um ao outro [Anita Pallenberg havia deixado Jones por Richards]. Mick, irritado com a falta de interesse de Brian



Reprodução

Pedras que rolam ruidosas

pela psicodelia, ignorava as sugestões musicais dele e deixava de lado as músicas que Brian havia composto. Eu os vi pedir a Brian que fizesse um ‘overdubbing’ de uma seção de guitarra em alguma coisa que já haviam trabalhado. Assim que ele ficou fechado no estúdio à prova de som, caíram na gargalhada, porque não estavam gravando.”

O fotógrafo, que morreu em 2000, não passou incólume aos seus anos trabalhando com a banda. Logo está cheirando cocaína todos os dias e se vicia em heroína, apesar de resistir por um bom tempo a injetá-la nas veias, preferindo cheirar a droga.

E é nesse momento que Spanish Tony se torna um fornecedor de drogas para os Stones. Mas, ao contrário do nome do livro,

ele afirma em diversos capítulos que não era o traficante de Keith Richards. Isso porque ele não ganhava dinheiro com isso. Ia buscar nas ruas, às vezes a mando do guitarrista, que lhe dava o dinheiro, às vezes para si mesmo.

Na verdade, a primeira edição do livro, de 1979, chamava-se “Up and Down with the Rolling Stones” - para cima e para baixo com os Rolling Stones -, como informa José Júlio do Espírito Santo no prefácio. Mais tarde foi rebatizado como “I Was Keith Richards’ Drug Dealer”, como nessa edição.

Impressiona, capítulo após capítulo, o número de carros de luxo que Richards destruiu, e simplesmente deixou para trás, com a cabeça cheio de álcool e ilícitos. Qua-



Divulgação

Tony Sanchez trabalhou como fotógrafo oficial da banda e depois como assistente pessoal de Keith Richards

se matou a esposa e o filho em duas dessas ocasiões, mas por sorte nada aconteceu. E ele sempre saiu andando.

No geral, Richards é descrito como um homem 24 horas em busca de drogas. Tony não se detém nas composições ou detalhes de gravações, mas conta tintim por tintim todas as brigas em que ele meteu, as humilhações que ele impôs aos outros e a sujeira literal de sua vida com Anita Pallenberg, modelo alemã-italiana que não consegue parar com a heroína nem mesmo grávida dos filhos de Richards.

Mesmo assim, o vilão da obra é Mick Jagger, ridicularizado em certos momentos como um playboy novo rico cuja ambição coloca em risco a vida das pessoas. É o caso do concerto grátis de Altamont, o show em São Francisco que pôs um fim no sonho hippie, e cujas mortes Sanchez atribui a uma tentativa de Jagger em rivalizar com a multidão de quase meio milhão de pessoas vista em Woodstock pouco mais de três meses antes.

Jagger, no entanto, não é apresentado como um personagem unidimensional, sendo capaz de uma ou outra gentileza através das páginas. Uma delas, segundo Spanish Tony, foi não ter dado bola para o caso que o fotógrafo conta ter tido com sua mulher, a também cantora Marianne Faithfull. É o circo do rock’n’roll em um de seus relatos mais viscerais.

Por Alessandra Monterastelli
(Folhapress)

Riz Ahmed já é querido em Hollywood. O vilão Carlton Drake de “Venom” esteve também em “Rogue One: Uma História Star Wars”, para em 2021 ser indicado ao Oscar de melhor ator pela interpretação de um baterista que está ficando surdo em “O Som do Silêncio”. Entre boatos de que pode voltar a ser o antagonista de Tom Hardy na franquia da Marvel, Ahmed estrela o curta intimista “Dammi” de Yann Demange, na Mubi.

No filme, Ahmed vaga pela Paris noturna atormentado, enquanto pensa sobre suas origens argelinas. Os pais do personagem deixaram o país árabe para que ele e seus irmãos crescessem na metrópole e, ainda assim, ele sente que não pertence a lugar algum.

A voz do personagem narra constantemente suas reflexões, como se fosse possível ouvir seus pensamentos. Em uma caminhada quase onírica, ele entra em um café lotado de homens argelinos mais velhos que jogam dados e conversam. Depois, ele passa a dividir as estreitas ruas parisienses com uma mulher, sua paixão.

Ela também é descendente de argelinos, mas parece se misturar à Paris com mais facilidade, o que suscita discussões constantes entre os dois. “Nossas raízes podem ser complicadas”, diz o ator, por videochamada.

“Vivemos em uma era da política de identidade em que as pessoas estão decididas a traçar linhas que separam o nós do eles. O que está por baixo disso é que as pessoas estão muito inseguras sobre suas identidades, que são mais complexas hoje em dia”, diz Ahmed. “Estamos ficando cada vez mais interconectados, e isso pode ser confuso para as pessoas.”

Segundo o ator, às vezes, a conexão com nós mesmos é mais fácil em lugares onde somos estranhos. O tema é caro para ele, que nasceu em Londres pouco



A história de ‘Dammi’ é inspirada na vida do próprio diretor, Yann Demange, amigo de Riz Ahmed

Tormentos de imigrante

Riz Ahmed, vilão da Marvel e celebrado no Oscar, encarna a solidão argelina na Europa em curta

depois de seus pais paquistaneses se mudarem para a cidade na década de 1970.

Depois de fazer sucesso em produções britânicas como “Shifty”, de 2008, e “Four Lions”, de 2010, Ahmed passou a atuar em filmes e séries americanas - entre elas “The Night Of”, da HBO Max, que lhe rendeu o Emmy de melhor ator em minissérie, tornando-o o primeiro muçulmano e homem de ascendência asiática a vencer na categoria em 2017. Ele faria história novamente em 2019, quando se

tornou o primeiro muçulmano indicado ao Oscar de melhor ator.

A história de “Dammi” é inspirada na vida do próprio diretor, Demange, amigo de Ahmed, que no ano que vem lançará “Blade”, também da Marvel. “Ele [Demange] está sempre em busca da vulnerabilidade, mesmo que seus filmes às vezes explorem a masculinidade e tenham uma espécie de impulso muscular”, diz Ahmed.

A intimidade entre os dois atenuou o que o ator chama

de “senso de responsabilidade” em um set, que, segundo ele, costuma gerar bastante tensão. “Quando se trata de fazer um filme, acho que o que realmente diferencia as coisas é o tom da produção que é estabelecido pelo diretor. Quanto o diretor realmente se importa com isso? Tem diretores dispostos a explorar e aqueles que estão tentando controlar.”

O formato diminuto não é estranho para Ahmed. “The Long Goodbye”, filme no qual dava vida ao pai de uma família

paquistanesa na Europa que enfrenta uma marcha da ultradireita, ganhou o Oscar de melhor curta em live-action em 2022.

O curta celebrado pela Academia dá nome também ao segundo álbum de estúdio de Ahmed, que também é rapper. Ainda que suas músicas falem sobre temas políticos, como imigração e representatividade, ele diz que quando escolhe um filme para fazer, prefere se guiar pela beleza das histórias.

É o que o levou a fazer “Nimona”, por exemplo, animação que foi indicada ao Oscar no ano passado. “Não acho que seja uma coincidência que algumas das melhores histórias tenham algo a dizer sobre o mundo em que vivemos”, argumenta o ator.

“Elas nos desafiam a ver as coisas de forma diferente. Uma das coisas mais poderosas do cinema é que ele nos força, através dos nossos sentidos, a ver o mundo de uma perspectiva que nunca vimos antes. E isso é um ato político na medida em que nos instiga a mudar o mundo um pouco.”

Divulgação



Ainda Estou Aqui

Divulgação



Coringa - Delírio a Dois

Alvos na corrida ao Leão de Ouro

Primeiras apostas para o Festival de Veneza 2024 já começaram



Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Já tem data para a 81ª edição do Festival de Veneza: 28 de agosto a 7 de setembro. E filme de abertura também: “Os Fantasmas Ainda Se Divertem – Beetlejuice Beetlejuice”, de Tim Burton. A proximidade da festa cinéfila italiana agita o mercado cinematográfico, com apostas para as vagas na competição pelo Leão de Ouro de 2024. Fala-se desde já nos possíveis concorrentes e de potenciais atrações para seções hors-concours na maratona que sempre revela concorrentes ao Oscar. O júri deste ano, presidido pela atriz francesa Isabelle Huppert, conta com o cineasta pernambucano Kleber Mendonça Filho.

“CHOCOBAR”, de Lucrecia Martel (Argentina): A diretora argentina aposta nas narrativas documentais, explorando os bastidores políticos da morte do militante indígena Javier Chocobar por latifundiários.

“AINDA ESTOU AQUI”, de Walter Salles (Brasil): Depois de um hiato de dez anos sem longas iniciado



Chocobar

depois de seu documentário sobre Jia Zhagke, o realizador de “Central do Brasil” (Urso de Ouro de 1998) volta à ficção adaptando o livro de Marcelo Rubens Paiva sobre os bastidores da luta de sua mãe contra a ditadura. Fernanda Torres e Fernanda Montenegro se revezam no papel central.

“LE MOLIÈRE IMAGINAIRE”, de Olivier Py (França): Um dos atores mais consagrados da Europa hoje, Laurent Lafitte encarna Molière, numa trama ambientada em 1673, quando o dramaturgo apresenta “O Doente Imaginário” e é acometido por um mal de saúde. Seu empenho é permanecer no palco e manter a dignidade.

“QUEER”, de Luca Guadagnino (Itália): O diretor leva o mais recente James Bond, Daniel Craig, a viver novas expe-



Le Molière Imaginaire

riências a partir da literatura beat de William S. Burroughs sobre um homem, William Lee, às voltas com uma crise de abstinência no Novo México. De bar em bar, Lee sublima seus desejos.

“THUG”, de Hans Peter Moland (EUA): Queridinho de Berlim, o diretor norueguês retoma sua parceria com o Charles Bronson dos anos 2010/2020, o irlandês Liam Neeson, a fim de narrar a saga de um gângster que, cansado do crime, decide fazer as pazes com parentes sumidos.

“CORINGA: DELÍRIO A DOIS”, de Todd Phillips: A sequência musical esperada do fenômeno pop de 2019, ganhador do Leão dourado de então, com Joaquin Phoenix no papel do Palhaço do Crime. Lady Gaga vive a doutora Quinzel, psicóloga

que cai nos ardis do personagem de Phoenix e se transforma na vilã Arlequina.

“DORAEMON: NOBITA’S EARTH SYMPHONY”, de Kazuaki Imai (Japão): Lá se vão 21 anos desde que “A Viagem de Chihiro” deu a Hayao Miyazaki o Urso, consagrando a animação nipônica. Agora, o segmento mais rentável da indústria audiovisual asiática pode voltar ao festival com a saga do gato robótico, chamado Doraemon, que voltou dois séculos no passado para ajudar um estudante desasturado, o guri Nobita Nobi, a se socializar. No novo filme derivado das HQs de do Fujiko F. Fujio, Nobi trava novas amizades numa seara de perigos.

“ALMA”, de Sally Potter (Reino Unido): Aos 73 anos, a diretora do cult “Orlando, A Mulher Imortal” (1992) volta às telas para narrar as disputas familiares de um clã de arqueólogos que usa um sítio de escavação de fósseis como arena para uma guerra de egos.

“PASHMINA”, de Gurinder Chadha (Reino Unido): Nascida no Quênia, a cineasta inglesa de origem indiana aposta na linguagem de animação para narrar o périplo de uma adolescente pra descobrir sua ancestralidade a partir de um cachecol.

“A ARCA DE NOÉ”, de Sérgio Machado (Brasil): Produzido pelo já citado Walter Salles e pelos irmãos Caio e Fabiano Gullane, o novo trabalho do realizador de “Cidade Baixa” (2005) resgata, como longa de animação, os sonetos de Vinícius de Moares, outrora transformados em espetáculo musical, agora na forma de aventura. Nela, um trio de ratos (com as vozes de Alice Braga, Rodrigo Santoro e do já citado Noé) lutam para escapar do dilúvio.

“ARMORED”, de Justin Rut (EUA): Agora que Sylvester Stallone virou cult, com homenagem em Cannes (em 2019) e filme de encerramento no TIFF -Toronto Film Festival (em setembro), é provável que ele brilhe em Berlim no papel de um segurança de transporte de valores que tem o caminhão perseguido por criminosos.

“NOBODY’S HEART”, de Isabel Coixet (Espanha): A prolífica diretora catalã conhecida por cults como “Fatal” (2008) narra a desagregação de um casal vivido por Gugu Mbatha-Raw e Edgar Ramírez, com base em conto de William Boyd.

Thiago Modesto apresenta apresenta xilogravuras e trabalhos em tecido na exposição 'Casa-Tempo: Assentamentos'



Crenças, vivências e memórias

O artista visual Thiago Modesto abre nesta quarta-feira (17) no Centro Cultural Correios RJ a exposição 'Casa-Tempo: Assentamentos' em que traz sua mais recente produção em xilogravuras, além de trabalhos em tecido que retratam suas raízes familiares.

Designer formado em 2009, Modesto atua como gravador autodidata e artista visual desde 2014. Criado no bairro de Jacarepaguá, é de família migrante de Santo Antônio de Pádua, cidade do interior do estado, divisa com o estado de Minas Gerais. Seu trabalho aborda temas ligados à ruralidade, religião e o resgate de memórias de sua própria família.

“Vivi 31 anos da minha vida em Jacarepaguá, da qual preservo o sentimento de pertencimento e ausência. Lá que convivi poucos anos com meu avô, figura enigmática, tocador de pandeiro, devoto das folias de reis, descendente de uma mulher de etnia Puris, que sofre o apagamento de sua história e da qual preservo a ancestralidade”, conta Modesto.

Em suas obras são contadas histórias, através de personagens, símbolos e figuras que, juntos, podem levar às mais diversas interpretações, de acordo com as próprias



As xilogravuras de Thiago Modesto retratam o componente rural na ocupação de espaços do Rio de Janeiro como a região de Jacarepaguá e a Baixada Fluminense



vivências, crenças e memórias do observador.

O artista editou ao longo dos últimos anos mais de 50 gravuras, muitas delas esgotadas. Sua técnica é a xilogravura – inicialmente trabalhou em placas de MDF, hoje trabalha também pranchas de peroba e canela.

“Os pés que atravessaram a soleira deste espaço expositivo são movidos a seguir em direção ao anfitrião que se encontra no interior da moradia. Os espectadores, conduzidos por essa figura que desterra lembranças guardadas no fundo dos cômodos da casa, são levados a perceber que o ambiente desta exposição individual do artista é uma convocação à intimidade”, explica o curador Messias Silva de Oliveira.

SERVIÇO

CASA-TEMPO: ASSENTAMENTOS

Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20)

De 17/7 a 31 de agosto, de terça a sábado (12h às 19h)

Entrada franca